

Lady Diana, mídia e mito... o ar do tempo

Entrevista com Michel Maffesoli. Tradução de Juremir Machado da Silva

MICHEL MAFFESOLI, professor de Sociologia na Sorbonne, apresenta um olhar ao mesmo tempo original e pertinente sobre os fatos sociais que caracterizam a época atual. Nesta entrevista, ele trata de Lady Diana, fenômeno que tomou conta das sociedades, da mídia e do imaginário coletivo. O interesse da imprensa pela princesa de Gales e o destaque dado ao seu fim trágico possibilitam inúmeras perspectivas de análise. O caso salienta os valores deste final de século, chama a atenção sobre o papel dos ídolos, questiona as relações entre mídia e vida privada, faz refletir sobre os limites do direito à informação.

Federico Casalegno — Antes de detalhar o fenômeno Lady Diana, seria possível dizer que ele *cristalizou* a ambiência geral desta época?

Michel Maffesoli — Compreender o "ar do tempo", isto é, a ambiência geral de nossa época, é muito importante, sobretudo se admitirmos que nem sempre os intelectuais prestam atenção nisso, embora comecem agora a interessar-se por esse tipo de fenômeno. Os jornalistas sentem medo dessa perspectiva, pois continuam atrelados a uma visão demasiadamente racionalista. É preciso lembrar que o indivíduo racional foi o pivô da Modernidade. Indivíduo como sujeito mestre de si, capaz de dominar as suas emoções, as suas lágrimas e os seus medos. Atualmente, o que representa um aspecto fundamental, há uma mudança global, mais vivida do que analisada. Defino essa mudança como uma "estetização", transformação estética do mundo; com o termo estética, acentuo o que é da ordem das emoções comuns, das paixões e do afeto partilhado. Em nossa época, funciona o que, cada vez mais, permite *vibrar em conjunto*, por exemplo, os jogos olímpicos, a guerra

Federico Casalegno

Pesquisador ligado ao Centro de Estudos sobre o Atual e o Quotidiano (CEAQ), Universidade René Descartes, Paris V, Sorbonne.

do Golfo, este ou aquele fenômeno sensacionalista e, claro, a morte de Lady Diana. Tudo isso, sob muitos aspectos, conduz a fenômenos estéticos. Insisto com o termo *aisthesis* que significa, em grego, *experimentar junto*. Eis o que, num plano geral, caracteriza este fim de século. Assistimos ao deslizamento do racional para o emocional.

Casalegno — Esse retorno às emoções é um fenômeno novo?

Maffesoli — De fato, trata-se de algo que existia nas sociedades ditas tradicionais. As tribos antigas experimentavam a necessidade de partilhar as lamentações, os risos e as alegrias. Durkheim fala, como exemplo disso, dos ritos *piaculares*. Ele mostra como estes preenchiam uma função essencial: saber e poder chorar em conjunto. Em determinada sociedade, em paralelo à celebração da alegria, de uma vitória, etc., existe a necessidade de chorar coletivamente. De resto, não faz muito tempo, quando se queria celebrar um acontecimento feliz, ou mesmo uma vitória, cantava-se o "Te Deum". O "Réquiem" das grandes cerimônias fúnebres cumpria também a função de exprimir o choro comum. Trata-se, portanto, de algo arcaico que se acha enraizado no substrato antropológico humano.

Casalegno — Nesse sentido, seria possível afirmar que os acontecimentos envolvendo Lady Diana trouxeram à tona uma estrutura fundamental do homem?

Maffesoli — Parece-me que, quanto ao acidente de Lady Diana, algo semelhante repentinamente despertou. Vimos manifestar-se, nos quatro cantos do mundo, a necessidade de chorar em conjunto e através disso de cimentar a vida social. É isso o "rito piacular": de repente, uma massa de pessoas passa a vibrar coletivamente. Há, entretanto, dois aspectos específicos da nossa época. Em primeiro lugar, o que chamarei de "contaminação". Se a Modernidade baseava-se na distinção e na separação, hoje, em

todos os campos, podemos falar em "difusão". Jean Baudrillard falaria a esse respeito de "viralidade"... O fenômeno Lady Diana foi propagado como que pelo efeito de um vírus e contaminou uma grande parte da humanidade. O segundo elemento importante aí é o papel desempenhado pela mídia. Retomo aqui uma idéia que desenvolvi antes sobre a característica da pós-modernidade: a sinergia das estruturas arcaicas e do desenvolvimento tecnológico, o que se vê especialmente nos novos meios de comunicação e na televisão. Esta participa do processo de contaminação, dos ritos arcaicos e contribui para um verdadeiro reencantamento do mundo. A mídia contou decisivamente no fato de chorar em conjunto, nas celebrações ocorridas ou nos funerais teatralizados. Um verdadeiro conto de fadas foi encenado nas telinhas do mundo inteiro, sem esquecer que nos contos de fadas há também tristeza e lágrimas. Ao mesmo tempo, isso cumpre um papel de catarse. A "catarse" purga. É a função que Aristóteles atribuía à comédia: colocamos em cena as paixões, choramos, rimos, em síntese, purgamos. Penso, em consequência, que nessa teatralidade o povo purifica-se da infelicidade, livra-se dela. O fato de que uma pessoa conhecida morra serve, assim, de exatório. É essa personalidade que autoriza a chorar em conjunto, pois a sua tragédia cristaliza o gênero humano na sua totalidade. Trata-se de um arquétipo representando o mundo em seu conjunto.

Casalegno — Em resumo, o senhor destacou o fato de que o homem precisa de vibrações comuns e de partilhar emoções. A ambiência estética, essa "aura" emocional, caracteriza a época atual. Entretanto, não se trata de um fenômeno novo, pois, como se viu em relação aos ritos piaculares, o homem sempre experimentou a necessidade de comungar, mesmo na infelicidade e na dor. Mas o que parece mais pertinente a esta época é o fenômeno da contaminação e da difusão viral pela mídia. A morte trágica de Lady Diana transformou a princesa num

mito?

Maffesoli — Sim, o lado trágico é sempre importante e interessante e, neste caso, mostrou como os grandes deste mundo são como nós. Estamos todos submetidos ao mesmo destino.

Casalegno — Mais ou menos na mesma época da morte de Lady Diana, a Argélia viveu uma das páginas mais negras da sua história. A mídia foi acusada de tratar os dois acontecimentos com enorme desigualdade.

Maffesoli — Quanto a isso, seria necessário, antes, fazer uma análise do tratamento dado pela imprensa ao que ocorreu na Argélia. Sabemos que a França tem um grande problema com a Argélia e é sempre muito difícil avançar na análise desse drama. Além disso, parece-me que o problema argelino está demasiadamente "intelectualizado" e pode ser explicado com múltiplas "razões". Em consequência, isso não tem o aspecto trágico do acidente envolvendo uma princesa. Não é a mesma força emocional, o que remete ao tratado anteriormente. Numa época dominada pela razão, ter-se-ia sem dúvida falado preferencialmente do drama argelino, com a dissecação dos motivos e das formas das coisas. No caso atual, enfatiza-se a paixão; o patos predomina e assim o aspecto racional acaba em segundo plano. Por outro lado, voltando à televisão, a imagem televisual caracteriza-se por reviver as emoções comuns, o que era próprio do transe nas sociedades tradicionais. Falar em transe cria problema; a expressão não goza de boa reputação e remete a algo meio bárbaro, selvagem. Porém, permanece o desejo de sair de si, de gozar e de vibrar em conjunto. Em termos mais eruditos, podemos falar, como fez A. Schutz, de "sintonia".

Casalegno — Pode-se falar realmente de mito em se tratando de Lady Diana ou tudo isso não passa de uma simples paixão fugi-

tiva que será rapidamente esquecida?

Maffesoli — Sempre digo que o mito é algo encarnado. Quanto a isso, os trabalhos de G. Durand são exemplares. Um mito funciona bem quando é representativo, no sentido profundo do termo, daquilo que fundamenta os valores, as maneiras de ser e as características de uma coletividade. Assim, poderíamos falar do mito em relação ao "caráter" essencial de uma época ou de um povo. Quando se olha a mitologia antiga, vê-se que ela se limitava a representar essas "características", esse tipos essenciais. Cada deus representava um dos aspectos específicos do tesouro humano. Ao escutarmos as conversas cotidianas, de bar, de metrô, de táxi, surpreende o fato de que Lady Diana se torna mito por exprimir os "valores de todo mundo". Ela era a princesa do povo, pois, sob certos aspectos, comportava-se como qualquer um: enganava o marido, transgredia e inscrevia-se assim em algo bastante comum; em contraposição, a realza é completamente abstrata em relação ao povo (um pouco como os nossos políticos...). Lady Diana era alguém que havia "sentido" essa diferença. Assim, apoiava causas humanitárias e transbordava calor humano. Esse aspecto encarnado, que gera o mito de um ponto de vista geral, esteve presente no fenômeno Diana. Trata-se de algo enraizado no que vivemos. Os observadores sociais, parece-me, têm dificuldades para compreendê-lo pois, de modo abrangente, a "grande figura" ou o herói são apresentados como seres completamente desencarnados, o que é o oposto do mito. Creio que a mídia destacou o aspecto "comum", logo mítico, da princesa. Na base de tudo isso está a temática do banal que, na minha opinião, constitui o fundamento da vida social e da pós-modernidade. Banal, digo-o de memória, na Idade Média era o dia em que o forno (forno banal) ficava à disposição de todo mundo. O Senhor ocupava o forno durante todo o resto da semana. Banal é, portanto, o que é partilhado pelo povo e, neste sentido, o que estrutura e

enraiza o mito. A mitologia de Lady Diana caracteriza-se pelo "concreto".

Casalegno — A morte de Diana provocou uma verdadeira tempestade no universo da mídia e levou a reflexões sobre a deontologia da profissão e sobre o papel dos jornalistas. Os *paparazzi* foram acusados de ter criado e depois matado Lady Diana. Qual a sua opinião sobre isso?

Maffesoli — Trata-se de um falso debate. É a polémica dos "construtores" de opinião, a *intelligentsia*. As pessoas têm sempre necessidade de comungar, de participar com ídolos e grandes personalidades. Em termos mais cultos, é uma forma de tipicidade: reconhecer numa forma maior o que vivo em menor. Os *paparazzi* são, em última instância, criticados por jornalistas que sentem medo de ser comparados a eles e querem marcar a diferença entre o "verdadeiro" jornalista e o "urubú". Lady Diana representou o fenômeno da viscosidade, o que os filósofos alquimistas chamavam de *glutinum mundi*. Às vezes, o "cimento", o que liga o corpo social, vem de um ideal longínquo, como, por exemplo, os ideais políticos. Em outros casos, em contrapartida, o elemento de ligação é o mais próximo. O fenômeno Diana permitiu ao corpo social soldar-se a partir de um *fait divers*. Estes não devem ser desvalorizados pois estruturam a vida social.